

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

*Evocação a
José Vitorino de Pina Martins*

J.M. TOSCANO RICO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2025

Título: Evocação a José Vitorino de Pina Martins

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2025

DOI: <https://doi.org/10.58164/p3m2-f365>

Evocação a José Vitorino de Pina Martins

J.M. TOSCANO RICO

Frequentemente designam-se os Académicos como imortais. Várias razões podem ser aduzidas para justificar esta qualidade. Desde as obras que realizaram e pelas quais se foram da lei da morte libertando, ao continuado reconhecimento dos seus pares nas Academias.

É esta manutenção permanente na memória dos que com eles conviveram no dia a dia da vida sempre difícil e atribulada das instituições, assim como na dos académicos que lhes sucederam e deram continuidade a projectos e trabalhos relevantes, que testemunha a saudade de uma ausência e a perenidade de uma presença.

Justifica-se plenamente esta homenagem ao Senhor José Vitorino de Pina Martins no ano em que se completa um século, *quasi* dia por dia, sobre a data do seu nascimento em 18 de Janeiro de 1920.

Nesta homenagem, outros Académicos se pronunciaram mais em pormenor e com maior conhecimento e brilho sobre a vida e obra de um Confrade ligado aos estudos filológicos. Para além da sua vida científica foi também sempre muito empenhado na vida da Academia das Ciências de Lisboa desde a sua eleição como Académico Correspondente em 27 de Abril de 1978 e, mais tarde, como Académico efectivo em 23 de Maio de 1985.

Uma vida cheia, centrada no estudo e na cultura, para além de uma actividade universitária intensa e de uma dedicação constante à língua portuguesa, levaram José Pina Martins a desempenhar cargos importantes em numerosos centros estrangeiros, e a pertencer a diversas instituições do maior prestígio, entre as quais gostava de referir a Accademia dei Lincei, uma das mais antigas e relevantes da Europa. Um destes cargos, que desempenhou durante 11 anos, foi o de Director do Centro Cultural Português em Paris.

Como sua mulher, a Senhora D. Primula era obrigada a residir em Roma por razões familiares, Pina Martins viajava frequentemente entre estas duas cidades. Foi também ao longo destes anos, como contava com o seu fino sentido de humor,

que constituiu parte da sua fabulosa Biblioteca trocando em Roma livros eróticos franceses por livros heréticos dos humanistas do Renascimento. Tive a honra de ser recebido nesta Biblioteca sob o olhar atento de Pico della Mirandola que, num quadro notável, a ela presidia.

Quanto à vida na Academia das Ciências de Lisboa, quando fui eleito Presidente da Classe de Ciências em 1999, a Presidência da Academia pertencia à Classe de Letras sob a orientação de Pina Martins que ocupava este cargo desde 1992. Ao assumir a vice-Presidência da Academia, e sempre que desempenhei essas funções, competiu-me apenas secundar e coadjuvar o Presidente, nomeadamente nas tarefas administrativas em curso, sempre complexas e dependentes de regras que não se podiam facilmente aplicar à Academia dada a sua especificidade e natureza institucional.

Colaboramos os dois ao longo de 6 anos, alternando nos cargos de Presidente e Vice-Presidente devido aos mandatos anuais. O respeito, a admiração e a amizade foram crescendo, e o tempo não as diminuiu. Pina Martins tinha um *talant de bien faire*, uma particular atenção a todos os que o rodeavam. Pina Martins pode dizer-se que vivia a Academia ao seu modo, aparentemente algo distante, mas procurando projectá-la e prestigiá-la sempre. Director do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1983, foi graças à sua intervenção e ao apoio do então Presidente da Fundação, Professor Ferrer Correia, também ele um eminente Académico, que foi possível retomar um velho sonho da Academia, interrompido desde o início do Século XIX, a publicação de um Dicionário da Língua Portuguesa. Obra longa e complexa levou mais de uma dúzia de anos a ser terminada, e sempre a Fundação Calouste Gulbenkian apoiou este trabalho. O Dicionário acabou de ser impresso em 2001.

Devem-se também a Pina Martins a publicação de numerosos volumes das Memórias da Academia, que estavam atrasados devido a uma crónica insuficiência do Orçamento atribuído à Academia pelo Governo da República. Conseguiu um convénio com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda pondo fim a um bloqueio, já crónico e desprestigiante para a Academia.

Testemunhei igualmente o interesse que pôs na reprodução fac-similada de duas obras únicas na posse da Academia, a Crónica Geral de Espanha de 1344 e o Livro de Horas da Condessa de Bertandos. Os seus conhecimentos, não só linguísticos como técnicos e pessoais, auxiliaram a escolha entre uma firma

espanhola e duas italianas que considerava as mais competentes para o efeito, negociando também as condições da reprodução, de modo a assegurar um número adequado de exemplares para a Academia.

Senhor de uma vastíssima cultura, servida por um trabalho constante e uma memória privilegiada, ainda nos lembramos de uma comunicação proferida aqui na Academia, em que, já com imensa dificuldade em ler um texto, e sem recurso a qualquer meio de apoio, durante cerca de uma hora citou autores do Renascimento, tipógrafos que os publicaram como Aldo Manuzio e a sua âncora como símbolo, datas, fragmentos dos textos, tudo articulado num quadro referencial que era toda a história de uma época tal como era retratada nas obras do começo da tipografia. Foi das sessões mais memoráveis da Academia, em que não sabia que admirar mais, se a memória espantosa do Autor se a profunda cultura que ela demonstrava.

Fica assim uma breve, mas sentida evocção de um Mestre, que pelas suas qualidades, trabalho e conhecimentos se libertou da lei da morte, continuando na memória da Academia e dos seus membros enquanto durarem as instituições e a Humanidade merecer o seu nome. Nesta evocção, mais do que uma descrição exaustiva de factos e datas, procuramos apenas relembrar alguns dos episódios mais marcantes de uma convivência sempre grata, revestidos pelo manto diáfano que o tempo tece, não o da fantasia, mas o da Amizade, que os relevos suaviza e os contrastes atenua.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E DE LETRAS
NA SESSÃO DE 23 DE JANEIRO DE 2020

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 17 DE FEVEREIRO DE 2020

* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.